



## THE MIDDLE FINGER MOUNTAIN: UM CONTO DE CARNAVAL

### THE MIDDLE FINGER MOUNTAIN: A CARNAVAL TALE

Atila Barros da Silva<sup>1</sup>

DOI: 10.66029/DZYL3905

**Resumo:** Em 1851, o filósofo Karl Marx, exausto e doente em seu exílio londrino, é subitamente transportado através de uma viela para o carnaval de 2026 em Middle Finger Mountain, uma cidade brasileira de colonização inglesa, reduto da direita. Lá, ele testemunha estarecido a banalização de suas ideias: o Manifesto Comunista foi transformado em marchinha de carnaval, a luta de classes virou coreografia e o discurso revolucionário é consumido como produto em bares alternativos onde jovens abastados ostentam um consumo consciente. Ao tentar protestar com fúria profética, Marx é confundido com um ator contratado. Acorda então em seu quarto em Londres, atormentado pela dúvida: se o futuro não reserva a revolução, mas apenas a mercantilização da revolta. O formato acadêmico é proposital visando o compartilhamento do deboche em veículos padronizados e caretas, como uma fantasia de carnaval, porém tratasse de uma obra ficcional.

**Palavras-chave:** Marx; Carnaval; Mercantilização; Desilusão

**Abstract:** In 1851, the philosopher Karl Marx, exhausted and ill in his London exile, is suddenly transported through an alley to the 2026 carnival in Middle Finger Mountain, a Brazilian town of English colonization and a right-wing stronghold. There, he is appalled to witness the trivialization of his ideas: the Communist Manifesto has been turned into a carnival march, class struggle has become a choreography, and revolutionary discourse is consumed as a product in alternative bars where wealthy young people flaunt their conscious consumption. As he tries to protest with prophetic fury, Marx is mistaken for a hired actor. He then wakes up in his room in London, tormented by the doubt: if the future holds not revolution, but only the commodification of revolt. The academic format is intentional, aimed at sharing mockery in standardized and uptight media, like a carnival costume, but it is a work of fiction.

**Keywords:** Marx; Carnival; Commodification; Disillusion

---

<sup>1</sup> Graduado em Análise de Sistemas e História, possui formação acadêmica multidisciplinar. É pós-graduado com MBAs em Gestão do Conhecimento e em Data Warehouse e Business Intelligence, além de especializações em Engenharia de Software, Antropologia, História, Educação do Campo, Filosofia, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ), onde atua como professor titular e pesquisador. Leciona nos cursos de Pedagogia, Sociologia e Antropologia, bem como nas graduações em Ciências Jurídicas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Ciências da Computação. Atualmente, é doutorando em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR-Argentina). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4660184868094532>. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0006-3739-0681>. E-mail: [atilafmusp@gmail.com](mailto:atilafmusp@gmail.com)



## O ESPECTRO

Londres, 1851. O inverno fora cruel, e a primavera chegava como um bêbado tardio, cambaleante, suja de fuligem e sem nada a oferecer além de uma névoa mais úmida que o costume. Na Dean Street, número 28, o cheiro de sopa rala e papel velho disputava espaço com o mofo que subia das paredes como uma segunda pele. Era num quarto apertado daquele sobrado que um homem de barba cerrada e olhos que já tinham visto mais do que deviam escrevia à luz vacilante de uma vela.



Figura 1: Marx um pouco chateado.

Karl Marx escrevia como quem aperta um gatilho. A pena arranhava o papel com a fúria de quem não tem tempo a perder, e, de fato, não tinha. O fígado doía, a mulher tossia no cômodo ao lado, e as crianças dormiam com fome. Mas ele escrevia. Sempre escrevia<sup>2</sup>. Porque acreditar que as palavras podiam mudar o mundo era, naquele momento, o único luxo que lhe restava.

Naquela noite, porém, algo o interrompeu. Não foi um barulho na rua, nem o choro de Jenny, a filha mais nova. Foi uma sensação. Como se o ar do quarto se adensasse de repente, como se o futuro, esse conceito abstrato em que ele depositava toda a sua fé, resolvesse olhar para trás e devolver o olhar.

Marx ergueu os olhos do manuscrito. A vela tremia. E, por uma fração de segundo, pareceu-lhe ouvir, vindo de muito longe, uma música. Não era um hino operário, não era uma canção de barricada. Era uma batida estranha, repetitiva, quase animalesca. Como se o coração da multidão que ele descrevia nos seus textos tivesse aprendido a dançar.

Ele piscou. O som sumiu. Ficou apenas o silêncio grosso de Londres, o chiar do candeeiro, o apito distante de uma fábrica que não dormia nunca. O espectro que assombrava a Europa, pensou ele com um sorriso amargo, era agora apenas um homem exausto, escrevendo à luz de uma vela, tentando convencer o mundo de que outro mundo era possível.

Não sabia ele, no entanto, que o espectro não assombrava apenas a Europa. Nem que a assombração, quando voltasse, não teria a forma de um fantasma, mas de uma fantasia.

---

<sup>2</sup> O manuscrito que se segue foi encontrado entre os papéis de Karl Marx, na primavera de 2024, durante uma reforma num edifício da Dean Street, em Londres. A origem do texto é incerta; a caligrafia, contudo, é inegavelmente a do filósofo. Como chegou ali? Quando foi escrito? As perguntas permanecem. O que se sabe é que as páginas estavam manchadas por algo que os peritos, com uma seriedade que faria corar qualquer cientista, insistem em chamar de "resíduo etílico de composição indeterminada, possivelmente cerveja". O leitor que prossiga por sua conta e risco. O texto que vem a seguir não é apenas um relato. É um aviso. Ou, quem sabe, uma profecia.



Não sabia que, um século e meio depois, num lugar cujo nome soaria a seus ouvidos como a mais cruel das ironias, suas ideias não seriam combatidas, seriam consumidas.

Não sabia que a luta de classes se tornaria uma marchinha. Nem que o manifesto se transformaria em mercadoria.

Naquela noite de 1851, Karl Marx voltou a escrever. Mas, pela primeira vez em muito tempo, a pena pesava mais do que devia. Como se, no fundo do seu cansaço, ele já pressentisse que o futuro não seria uma revolução. Seria um carnaval. E o pior: todos estariam convidados.

## 1. O BURACO

A névoa londrina era uma presença, não um fenômeno meteorológico. Envolvia as costas de Karl Marx como um casaco úmido e mal-ajambrado, enquanto suas botas gastas encontravam o paralelepípedo com a familiaridade de quem já percorrera aquele caminho centenas de vezes. A tarde cinzenta de Soho já dava lugar a um crepúsculo precoce, e o filósofo, com a barba mais selvagem que a dos leões do zoológico de Regent's Park, caminhava absorto.

O que era a dialética senão o próprio atrito do mundo? Pensava ele, ajustando os óculos no nariz. A miséria gerando sua própria negação, o capital forjando, em suas entranhas febris, os coveiros que haveriam de enterrá-lo.

Foi então que um som lhe agarrou o sobretudo. Não o ruído esperado de uma carruagem ou o assobio de um limpador de chaminés. Vinha do fundo de uma viela escura, um buraco, um túnel apertado entre prédios de tijolos fuliginosos. Era uma música, mas distorcida, como se filtrada por um meio estranho. Uma percussão febril, primitiva, que não se parecia com nada que se ouvisse nos salões da burguesia ou nos pubs onde os operários afogavam suas mágoas. Havia nela uma energia animalesca, um ritmo que parecia o coração pulsando de uma multidão.



Figura 2: Marx no buraco.

Movido por uma curiosidade que sobrepujava a prudência, Marx adentrou a viela. A escuridão era quase absoluta, o chão escorregadio. O som crescia, tornando-se uma vibração no ar, um calafrio na espinha. Ele caminhou, tateando as paredes úmidas, seguindo aquele farol musical.

A luz, no fim do túnel, começou como um ponto, um minúsculo rasgo de claridade na escuridão total. E então, ele emergiu.



O choque foi tão violento que ele cambaleou para trás, erguendo a mão para proteger os olhos. Não era a luz pálida de um poste de gás. Era um sol artificial, uma explosão de cores, purpurina e lantejoulas que refletiam em todas as direções. A viela dera lugar a uma avenida larga, ladeada, repleta de uma multidão que gritava, ria e dançava. Não havia carruagens, mas sim criaturas metálicas e coloridas que buzinavam imersas num mar de gente fantasiada.

O ar estava denso, não de carvão, mas de um cheiro doce e enjoativo. No céu, fios elétricos teciam uma teia sobre sua cabeça. E a música... a música que o atraía até ali agora o envolvia por completo, vinda de possantes caixas de som colocadas sobre enormes caminhos de ferro que deslizavam lentamente pelas ruas. Em cima deles, pessoas seminuas pintadas de ouro e prata reboavam ao ritmo de uma batida eletrônica ensurdecedora.

Marx, atordoado, tentava processar o que via. Sua mente, treinada para dissecar as leis do movimento histórico, girava em falso. Onde estava? Uma placa, pendurada num poste mais adiante, oferecia uma pista: "Middle Finger Mountain 2026 - O Carnaval da Virada".

Middle Finger Mountain? Nunca ouvira falar. 2026? O número era uma abstração sem sentido.

Ele se sentiu como uma partícula de pó diante da imensidão de um novo mundo. Fantasias de políticos com cabeças gigantes de papelão passavam flutuando, homenageando figuras que ele não reconhecia. Mas então, uma das alas do desfile chamou sua atenção. Era um grupo compacto, vestido com terno e cartola, carregando bandeiras vermelhas onde um rosto barbudo, vagamente familiar, estava estampado. O seu rosto.

Seu coração, já cansado, deu um solavanco. Eles o homenageavam? Ele estava sendo celebrado? Mas então a multidão nas arquibancadas começou a cantar junto com o refrão que explodia nas caixas de som. Ele ouviu, com a clareza de um trovão, os versos:

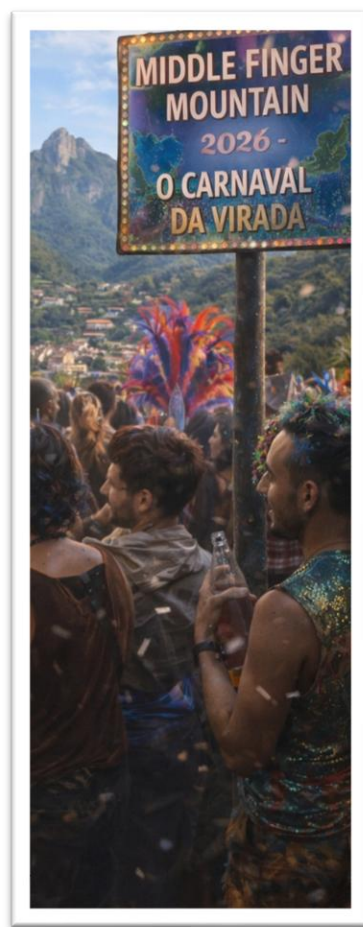


Figura 3: É carnaval.

*"A história de todas as sociedades até hoje. É a história da luta de classes!  
Trabalhadores do mundo, uni-vos, olha a folia, olha o aço!!"*



Figura 4: Marx puto pra car@l\$#.

A multidão, num misto de alegria e deboche, respondia em coro, agitando bandeiras verde-amarelas e azuis. Marx sentiu o estômago embrulhar. Eles cantavam O Manifesto? Como se fosse uma canção de taverna? Uma marchinha de carnaval?

Ele se aproximou, atordoado, de um jovem que vendia latinhas em um isopor. O rapaz, com uma camiseta onde se lia "Bolsonaro 22 - A Direita Voltou", ofereceu-lhe uma cerveja. "Bebida, velho? Tá perdido?"

Marx, ignorando a lata, apontou para o desfile com um dedo trêmulo. "O que... o que eles estão cantando? Por que cantam isso?"

O jovem riu, sem malícia. "Ué, é o hit do carnaval! 'A Luta de Classes'. A galera adora. É do Bonde do Materialismo Dialético. O ano inteiro a gente trabalha, sofre, paga imposto, e no carnaval a gente canta que o negócio é se unir. É tipo um grito de guerra, saca? Mas amanhã a gente volta pra luta."

"Mas... isso é um absurdo!", exclamou Marx, a voz rouca. "Isto é uma paródia! É uma profanação! A luta de classes não é um refrão para embriagados! É o motor da revolução, o fim da propriedade privada, a... a..." Ele gaguejava, incapaz de formular a magnitude do ultraje.

O jovem deu de ombros. "Sei lá, tio. Pra gente é só uma música animada. O pessoal daqui, de Middle Finger Mountain, é mais de direita, mais europeu sabe? Vota nos Bolsonaros, pai e filhos, pensa em transformar a cidade na nova Dubai com prédios gigantescos, mas adora uma marchinha de carnaval dos comunistas. E essa é maneira pra caramba. Fala de patrão, de operário, mas no fim todo mundo pula junto."

Segundo o jovem, uma pesquisa recente, extremamente séria e exaustivamente revisada no Wikipedia, cortesia do ex-prefeito, a majestosa Middle Finger Mountain foi fundada por um punhado de lordes ingleses entediados, lá pelo século XIX. Esses bravos aventureiros dedicaram-se à nobre tarefa de 'pacificar' a região. Ou seja, exterminaram todo e qualquer indígena que tivesse a ousadia de existir por lá. E, como num passe de mágica, surge no meio das montanhas uma belíssima e civilizada colônia inglesa, pronta para tomar chá das cinco e iluminar o Novo Mundo com sua presença.

Marx olhou em volta, atônito. Cartazes do desfile traziam caricaturas de empresários locais, ladeadas por dizeres como "Abaixo a Mais-Valia! Acima a Cerveja!". Uma mulher com uma fantasia de "Mais-Valia" (um corpete cheio de cifrões) distribuía beijos para a multidão. Um grupo de jovens fantasiados de "Proletários" (macacões sujos,



ferramentas de plástico) faziam dancinhas sensuais em cima de um carro alegórico que simulava uma fábrica.

A vergonha, quente e ácida, subiu-lhe à garganta. Não era a vergonha de ver suas teorias refutadas, mas a vergonha de vê-las reduzidas a um produto, um adereço, uma mercadoria. O espectro que assombrava a Europa era agora a trilha sonora de um bloco de carnaval num lugar chamado Middle Finger Mountain, um "curral eleitoral da direita", onde o dono do curral, qualquer que fosse, assistia de um camarote, rindo e acenando.

O próprio ar parecia ter se tornado mercadoria. Tudo, absolutamente tudo, até a crítica mais radical ao capital, podia ser embrulhado em papel de seda, vendido e consumido com um sorriso no rosto. A consciência de classe que ele passara a vida tentando forjar estava ali, diluída em álcool e suor, cantando sua própria doutrina como quem canta uma canção de amor perdido.

A batida eletrônica soava agora como um martelo gigante, não forjando a revolução, mas aplainando tudo, reduzindo o pensamento a pó. O manifesto virara marchinha. A luta, coreografia. A revolução, um adereço de carnaval.

Karl Marx, o velho barbudo de Soho, sentiu o mundo girar. A viela escura por onde viera pareceu se fechar atrás dele. Ele estava preso. Não em Londres, nem no futuro, mas num pesadelo onde suas ideias, como fantoches, dançavam alegremente para o deleite daqueles que, em tese, deveriam empunhá-las como bandeiras de guerra. A última imagem que reteve, antes de ser definitivamente engolido pela multidão, foi a de um jovem cuja camiseta trazia estampado o rosto do próprio Karl.

## 2. O BAR

Empurrado pela maré humana, Marx foi parar em uma espécie de clareira na multidão. Um bar propriamente dito, com sofás gastos. Pôsteres de Che Guevara, Lenin e Rosa Luxemburgo decoravam as paredes de tijolos, lado a lado com luzes de neon cor-de-rosa que formavam a palavra "COMU". Uma faixa improvisada anunciava: "BUTECO DE ESQUERDA - CONSUMO CONSCIENTE".

Ele se sentou, exausto, num banco de madeira. Seus olhos percorreram o ambiente. O que viu, no entanto, não era o que sua doutrina classificaria como "consciência de classe". Ao seu lado, um casal jovem, ele de barba por fazer e boina, ela com um vestido floral e óculos redondos, discutiam animadamente (Por incrível que pareça, Marx compreendia o português falado no Middle Finger Mountain como se fosse sua língua materna).



Figura 5: Marx tentando abrir uma lata de cerveja.

"Amor, o final de semana em Paraty foi um absurdo! A diária da pousada bio-sustentável triplicou desde o ano passado", queixou-se ela, tomando um gole de um drinque servido numa cumbuca de coco enfeitada com flores comestíveis. "Mas a experiência é outra coisa, né? A horta orgânica, a ioga ao amanhecer... é um luxo necessário para a nossa sanidade mental, um contraponto ao estresse da luta."

"Total!", concordou ele, acariciando o braço dela. "É como a agência me explicou: é um consumo político. A gente não está só pagando por um quarto, a gente está financiando um modelo de turismo de base comunitária, um oásis de resistência ao capitalismo predatório. O preço é a materialização do nosso compromisso ético."

Marx, que tentava ouvir a conversa enquanto lutava para abrir a lata de cerveja que o jovem vendedor lhe empurrara, sentiu o primeiro arrepio da irritação. "*Consumo político?*" ecoou em sua mente. "*É a transformação do próprio ato de comprar num fetiche de virtude!*"

Na mesa em frente, um grupo mais velho e ostensivamente mais abastado conversava em voz alta. Um homem de camisa de linho e óculos de tartaruga discursava para seus amigos: "O problema, meus caros, é que o proletariado de hoje não tem mais a pureza revolucionária de antigamente. Estão completamente cooptados pela indústria cultural, pela ideologia do consumo. É uma tragédia. Por isso que, no meu último livro, eu defendo uma ruptura radical, uma nova vanguarda iluminada. Precisamos resgatar a essência do pensamento de Marx." Ele fez uma pausa para saborear um pedaço de brie com geléia de pimenta. "Aliás, este queijo está divino. Importado diretamente de uma queijaria artesanal da Normandia que pertence a uma cooperativa de mulheres. A procedência é impecável."

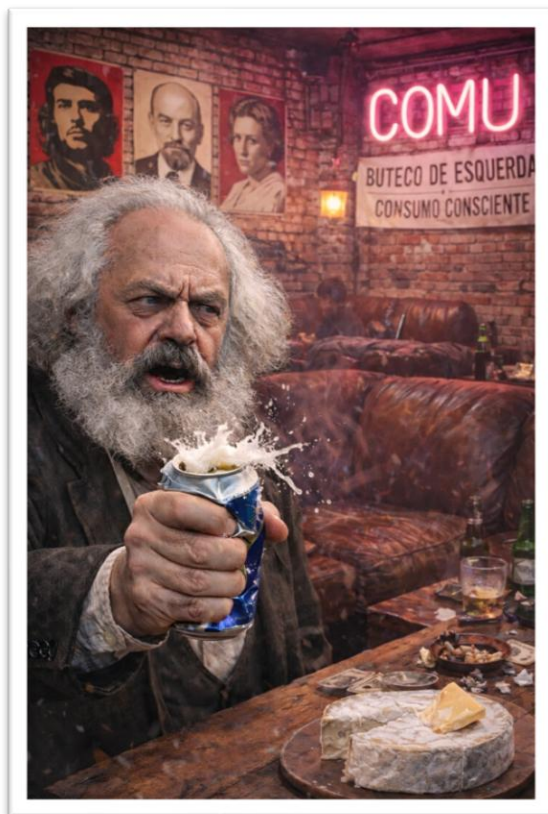


Figura 6: A revolta de Marx!

Marx apertou a lata na mão. O líquido metálico amassou sob seus dedos. *"Ele escreve sobre a pureza do proletariado enquanto saboreia o queijo da burguesia francesa!"* O termo "amores caros" ecoou na sua cabeça como uma profanação. Estava ali, diante dele. O amor próprio, o amor ao próximo, o amor à natureza, o amor à revolução... todos mercadorias premium, com selo de autenticidade e preços exorbitantes. O afeto era um item de luxo, comprado em pousadas caras, em queijos importados, em discursos vazios.

A segunda cerveja ele engoliu quase de um gole só, sentindo o amargor industrializado descer que nem chicote na garganta. A terceira, ele já nem sabia como veio parar em sua mão. O calor do álcool se somava ao calor da fúria que lhe subia à cabeça, uma chama vermelha e purificadora que ofuscava a razão.

O ponto final foi quando ouviu a moça do vestido floral, agora falando ao celular: "Não, miga, pode deixar. Vou passar no brechó vintage da Visconde, sim, aquele que a peça mais barata é trezentos reais. Mas é um ato político! A gente precisa valorizar o trabalho artesanal e rejeitar a fast fashion. É um terno francês dos anos 60... super descolado. Claro que eu sei que é um preço absurdo, mas pensa: eu poderia estar dando esse dinheiro pra uma grande corporação, mas estou dando pra um pequeno empreendedor criativo! É revolucionário!"

A lata de cerveja na mão de Marx amassou de vez, o líquido espirrando sobre a mesa.

Ele se levantou. O movimento foi lento, solene. A fúria não era mais um calor, mas um gelo que lhe endurecia os ossos. Seu rosto, iluminado pela luz bruxuleante do neon cor-de-rosa, tinha a expressão de um profeta do Antigo Testamento que acabara de testemunhar o bezerro de ouro sendo adorado no sopé do Sinai.

"BASTA!!!"

O grito ecoou, mais alto que a música ambiente. As conversas cessaram instantaneamente. Todos os olhos se voltaram para aquele velho estrangeiro, de barba gigantesca e tudo puído, que tremia como uma folha.

"EU OUVI TUDO! TUDO!", ele bradou, a voz embargada, apontando um dedo acusador para cada um. "Vocês! 'Consumidores conscientes!' 'Turismo de resistência!' 'Queijo da cooperativa de mulheres!' Isso não é comunismo! Isso é a mais abjeta, a mais



corrupta e a mais fétida das ideologias burguesas vestida com a pele de cordeiro da revolução!"

Ele caminhava entre as mesas, empurrando um pufe para o lado, derrubando um copo de cerveja artesanal. "Vocês transformaram a mais-valia em um estilo de vida! O fetiche da mercadoria, que eu critiquei, vocês o elevaram à categoria de arte! O amor, a amizade, a solidariedade, tudo tem um preço, tudo é 'premium', tudo tem uma 'origem responsável' que custa o triplo! Vocês não são proletários! Vocês são a nova burguesia, a mais perigosa de todas, porque se auto-intitula revolucionária!"

A multidão, que a princípio olhava chocada, começou a murmurar. Alguns riam, nervosos. Outros sacavam os celulares para filmar.

"E vocês!", ele se virou para o casal do vestido floral. "Falamos do preço da pousada em Paraty enquanto o trabalhador que construiu aquela pousada ganha um salário que não paga o aluguel de um cômodo! Chamam isso de 'luxo necessário'? Chamem pelo nome: hipocrisia! Narcisismo! E vocês, ali!", apontou para o escritor do queijo. "Escrevem sobre a pureza do proletariado enquanto lambem os beiços com o brie da exploração francesa! A Normandia que produz esse queijo é a mesma Normandia de onde partiram os navios negreiros? A mesma Normandia dos campos de batalha imperialistas? Não! Para vocês, a Normandia é só o endereço do seu paladar refinado!"

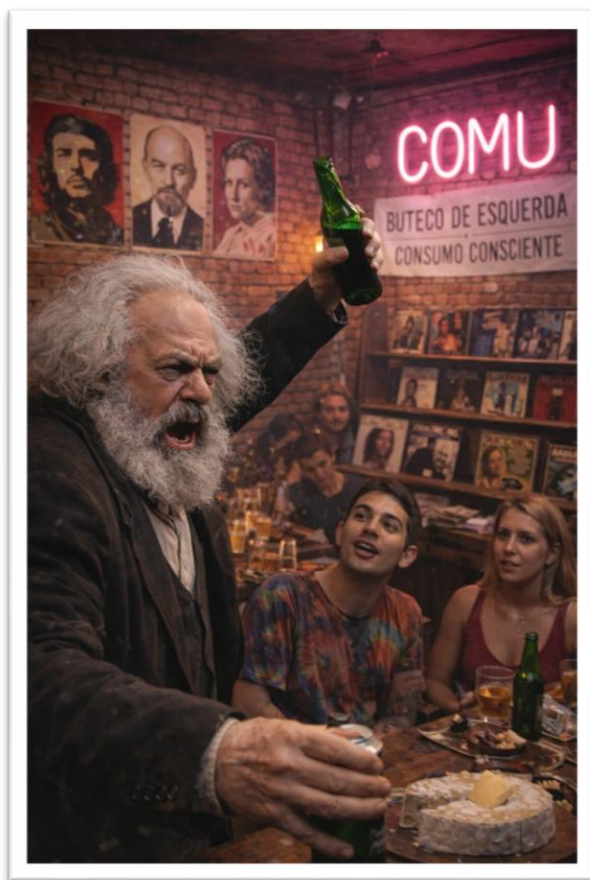


Figura 7: O teatral Marx!...fofo.

Sua respiração era ofegante. A barba parecia viva, cada fio um raio de uma tempestade particular. Ele agarrou uma garrafa vazia em cima da mesa.

"Vou quebrar tudo! TUDO!", ele urrou, erguendo a garrafa como um bastão. "Vou quebrar essa farsa! Esse brechó de trezentos reais! Esse queijo de cooperativa! Esse amor de boutique! Vou reduzir a pó esse templo da mercadoria travestida de consciência de classe! Porque isso... ISSO AQUI NÃO É A LUTA DE CLASSES! É A FARSA DAS CLASSES! É A BURGUESIA DANÇANDO EM CIMA DO TÚMULO DA REVOLUÇÃO E CHAMANDO ISSO DE CARNAVAL!"



Ele ergueu a garrafa, pronto para arremessá-la contra a estante de discos de vinil de "artistas engajados" que custavam pequenas fortunas. Seu rosto era uma máscara de fúria divina. O messias raivoso, o velho testamento encarnado, estava ali, pregando no deserto do buteco alternativo.

O silêncio era absoluto. Então, alguém na plateia, um rapaz com um piercing no septo, comentou em voz alta, sem maldade, apenas constatando um fato:

"Nossa, que performance foda. Ele é ator contratado? Tá representando o Marx de verdade? Maneiro demais, gente. Alguém dá mais uma cerveja pro velho aí!"

### 3. VELHO

A garrafa chegou a descrever uma parábola no ar que daria orgulho a Apolônio de Perga, mas nunca atingiu o alvo. Mãos o seguraram, vozes abafadas pedindo calma, e a visão do neon cor-de-rosa começou a se desmanchar como açúcar na chuva. Alguém gritou "mais uma cerveja pro ator!", e uma lata gelada foi empurrada contra sua mão trêmula. Ele bebeu. Desceu a quarta, a quinta, a sexta, enquanto o mundo à volta se dissolvia numa névoa de deboche e indiferença.

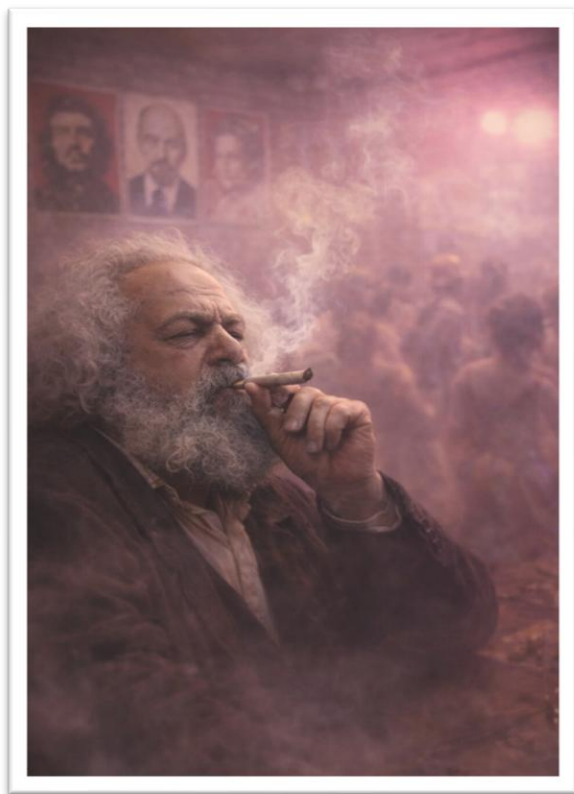


Figura 8: Marx pitando.

Entre a sexta e a sétima cerveja, quando já não sabia se o amargor que lhe queimava a garganta vinha do lúpulo ou da alma, uma mão anônima estendeu-lhe um cigarro torto, enrolado às pressas numa seda que mais parecia papel de seda usado. Ele aceitou sem pensar, por hábito, por desespero, por aquela curiosidade que sempre o perdera. Ao primeiro trago, a fumaça não desceu aos pulmões: subiu. Invadiu-lhe os seios da face como uma carícia quente, espalhou-se pelos recantos do crânio onde guardava, como num arquivo mal organizado, séculos de história e décadas de miséria. Por um instante, um instante apenas, o mundo parou.

As batidas eletrônicas afogaram-se num silêncio de algodão, as cores berrantes do carnaval suavizaram-se numa aquarela pastel, e a multidão que gargalhava à sua volta converteu-se numa assembleia de espectros mudos, dançando em câmara lenta. Foi como se o tempo, esse burguês meticuloso que nunca atrasa um minuto de exploração, resolvesse fazer greve. Marx sentiu o peso do próprio corpo dissolver-se, a bigorna dentro da cabeça transformar-se em nuvem, e pela primeira vez naquela noite infernal, talvez pela primeira vez na vida, não pensou em nada. Absolutamente nada. Nem na mais-valia,



nem no proletariado, nem na carta que Engels prometera escrever, nem no aluguel atrasado, nem na tosse de Jenny. Foi um êxtase vazio, uma paz idiota, um paraíso artificial que durou o tempo de um suspiro. Mas foi apenas um instante.

Porque o carnaval, como o capital, não concede tréguas. Mal a fumaça se dissipou, a realidade voltou com a força de um soco: a música retomou seu ritmo ensurdecedor, as cores recuperaram a saturação agressiva, e a multidão reassumiu sua algazarra debochada. O cigarro apagou-se entre seus dedos, reduzido a uma bituca insignificante, e Marx percebeu que a trégua fora apenas isso, uma trégua. O mundo continuava girando, a fantasia continuava seu curso, e ele continuava ali, um velho barbudo no meio da folia, com o gosto de erva-doce e autoengano na língua. O beijo de fada transformara-se em cinza. E a cinza, como tudo naquele pesadelo, já não tinha qualquer valor revolucionário.

Na sétima cerveja, os rostos já não eram rostos. Eram apenas manchas. Eram apenas manchas que riam, que filmavam, que repetiam "luta de classes" como um refrão vazio. Na oitava, a fúria deu lugar a um cansaço antigo, daqueles que vêm da alma. Na nona, seus olhos se fecharam sobre a mesa, a cabeça pesada afundando num mar de espuma de cerveja e cinismo.

#### 4. QUARTA-FEIRA DE CINZAS

O despertar veio como um soco. Não havia neon, não havia batida eletrônica, não havia cheiro de perfume barato misturado com suor carnavalesco. Apenas o cheiro de mofo, o chiar de um candeeiro a gás quase extinto, e o peso sufocante do silêncio londrino.



Figura 9: Marx de ressaca.

Marx abriu os olhos. Seu corpo doía. A cabeça parecia uma bigorna depois de uma jornada de trabalho na fábrica da realidade. Estava deitado sobre a escrivaninha, o rosto colado a uma pilha de papéis amarelados, a barba colada à bochecha por uma crosta de saliva seca. A caneta ainda estava em sua mão, os dedos crispados em torno dela como se tentasse agarrar o mundo.

Um delírio. Apenas um pesadelo. Mas o gosto na boca não era de absinto ou de cerveja barata. Era um gosto metálico, amargo, que vinha do fundo da alma. Ele se levantou com dificuldade, as juntas estalando como madeira velha, e cambaleou até a pequena janela que dava para a rua enevoada. Lá fora, Londres acordava para mais um dia de exploração.



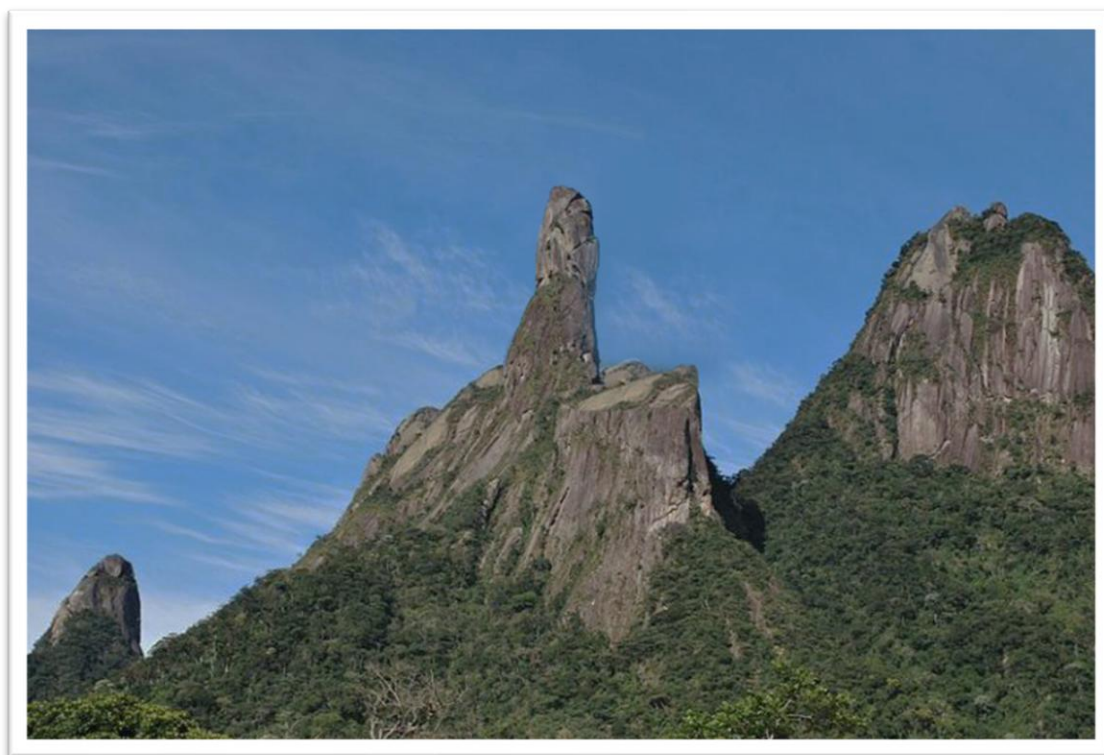
Carvoeiros empurravam suas carroças, crianças maltrapilhas corriam atrás de moedas, e ao longe, o apito de uma fábrica convocava os operários para mais uma jornada de dezesseis horas. Ele apertou o parapeito da janela com tanta força que os nós dos dedos empalideceram.

Não era um sonho. A visão era vívida demais. As cores, os sons, o deboche. As palavras ecoavam na sua mente como um martelo contra o crânio: "consumo consciente", "turismo de resistência", "queijo de cooperativa". Gente que falava em revolução enquanto lambia os beijos com os restos da mesa da burguesia. Gente que pendurava seu retrato na parede enquanto negociava o preço do afeto. Gente que cantava a luta de classes como quem canta uma música de carnaval, apenas para, no dia seguinte, voltar a votar no mesmo patrão de sempre.

Um soluço seco rompeu-lhe o peito. Não era choro. Era algo pior. Era o som de uma convicção sendo esmagada pela dúvida.

E se tudo aquilo fosse o futuro? E se a revolução não viesse como uma maré vermelha, mas sim como um Carnaval perpétuo, onde as ideias são digeridas, cuspidas e transformadas em mercadoria? E se os coveiros do capitalismo, em vez de enterrarem o sistema, preferissem dançar em cima do seu próprio túmulo?

Ele recuou da janela, tateando as paredes como um cego. Seus olhos pousaram sobre os manuscritos espalhados pela escrivaninha. O Capital. Anos de trabalho.



*Figura 10: A linda Middle Finger Mountain*



Anos de pesquisa, de fome, de filhos enterrados, de esperança. Para quê? Para que um dia, num lugar chamado Middle Finger Mountain<sup>3</sup>, uma multidão fantasiada cantasse suas palavras como se fossem versos de uma marchinha?

Para que o proletariado do futuro trocasse a luta por um drinque num coco enfeitado?

Ele agarrou uma folha. A letra miúda, quase ilegível, dançava diante de seus olhos. Palavras como "mais-valia", "acumulação primitiva", "consciência de classe". Tudo aquilo que um dia fora fogo, agora lhe parecia cinza.

"Para quê?", a pergunta escapou de seus lábios num sussurro rouco.

A névoa lá fora avançava pela janela entreaberta, enrolando-se nos seus pés como algemas de gaze. Ele olhou para as próprias mãos. Mãos que escreveram, que lutaram, que embalsamaram filhos mortos. Mãos que, no sonho, quase quebraram uma garrafa na cabeça de um burguês disfarçado de revolucionário.

O ódio ainda estava ali. Mas agora vinha acompanhado de algo pior: uma tristeza vasta, oceânica, que não encontrava margens. A tristeza de quem vê o próprio legado ser transformado em fantasia. A tristeza de quem percebe que o inferno não é a exploração, mas a banalização da revolta.

Ele deixou a folha cair de volta sobre a pilha. Seus ombros, curvados por décadas de luta, pareciam agora sustentar o peso de um mundo que ele não reconhecia mais. O mundo que ele quis libertar havia escolhido, aparentemente, as algemas, desde que viessem pintadas de neon e acompanhadas de uma trilha sonora dançante.

No silêncio do seu exílio, Karl Marx sentou-se na beirada da cama, a cabeça entre as mãos, e pela primeira vez em muitos anos, não conseguiu encontrar uma só palavra para escrever.

Lá fora, o apito da fábrica soou novamente. Mas dentro dele, o que ecoava era outra coisa. Uma batida. Uma batida eletrônica, primitiva, que vinha do fundo de uma viela escura e não o deixava esquecer.

"Trabalhadores do mundo, uni-vos", ele murmurou para si mesmo, com um amargor que nenhuma cerveja do futuro poderia lavar.

**FIM**

---

<sup>3</sup> As imagens contidas neste documento foram produzidas com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial generativa, sendo meramente ilustrativas e não representando pessoas, fatos ou locais reais, salvo indicação em contrário.



## REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. Uma breve biografia de Karl Marx. São Paulo: Boitempo, 2019.



## LEMBRANÇAS DE MARX, QUE ELE NÃO LEMBRA QUE ESQUECEU



